

# THE ADVENTURES OF ROBIN HOOD / 1938

## As Aventuras de Robin dos Bosques

Um filme de Michael Curtiz  
e William Keighley

**Realização:** Michael Curtiz e William Keighley / **Argumento:** Norman Reilly Raine, Seton I. Miller / **Fotografia:** Tony Gaudio, Sol Polito / **Música:** Erich Wolfgang Korngold / **Montagem:** Ralph Dawson / **Direcção Artística:** Carl Jules Weyl / **Intérpretes:** Errol Flynn (Robin Hood), Olivia de Havilland (Maid Marian), Basil Rathbone (Sir Guy de Gisbourne), Claude Rains (Príncipe John), Patrick Knowles (Will Scarlet), Eugene Pallette (Frade Tuck), Alan Hale (Little John), Melville Cooper (Sheriff de Nottingham), Ian Hunter (Rei Ricardo), Una O'Connor (Bess), Herbert Mundin (Much), Montagu Love (Bispo de Black Canons), Leonard Willey (Sir Essex), Robert Noble (Sir Ralf), Kenneth Hunter (Sir Mortimer), Robert Warwick (Sir Geoffrey), Colin Kenny (Sir Baldwin), Lester Matthews (Sir Ivor), Harry Cording (Dickon Malbete), Ivan Simpson (Estalajadeiro), etc.

**Produção:** Warner Brothers / **Produtor Executivo:** Hall B. Wallis, Jack L. Warner / **Cópia:** DCP, Technicolor, versão original, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 101 minutos / **Estreia Mundial:** 23 de Abril de 1938 / **Estreia em Portugal:** Politeama, 19 de Dezembro de 1940 / Reposto comercialmente em 1948 e 1957.

---

Os mitos não morrem. Com a sua figura conhecida, ou travestidos noutros personagens, eles voltam ciclicamente, encontrando no cinema e na televisão o melhor espaço para a sua existência. Não há geração, desde que o cinema existe, que não tenha os seus “Três Mosqueteiros” e o seu Robin dos Bosques. Factores económicos duplicam por vezes o interesse pelo mito levando à aparição de mais uma versão, procurando uma explorar o êxito da outra, ou recorrendo à sua paródia.

O cinema, nos seus começos, dedicou a Robin dos Bosques particular atenção, especialmente a Grã-Bretanha (*et pour cause!*), com três versões filmadas entre 1909 e 1913. Nesta mesma fase de pré-história do cinema, os EUA fizeram duas incursões à floresta de Sherwood. Mas é só em 1922, quando os estúdios estão já em plena pujança que vai ter lugar a “verdadeira” primeira versão das aventuras de Robin dos Bosques, projecto de Douglas Fairbanks que encontrara neste tipo de heróis a fórmula perfeita do êxito, depois dos triunfos que foram **The Mark of Zorro** e **The Three Musketeers**. Parecia o filme definitivo e ninguém mais pegou na história durante o mudo. Mas com a chegada do som surgiu a tendência para se refazerem os velhos êxitos. Em 1938 a Warner lança-se ao novo projecto, com uma série de colaboradores que pareciam ter nascido propositadamente para ele. Michael Curtiz e William Keighley dirigem a que ficará (apesar das sucessivas incursões no mito) como a versão definitiva. O triunfo, que as sucessivas reposições confirmaram não ser apenas ocasional, abriu as portas para uma série de variações e/ou “sequelas”: em 1946, Cornel Wilde é o filho de Robin dos Bosques em **The Bandit of Sherwood Forest**; em 1948 Jon Hall interpreta um esquecido mas muito interessante **Prince of Thieves (Robin, o Príncipe dos Ladrões**, e repare-se que foi este o título que Costner e Reynolds foram buscar para a sua versão), uma série B de Howard Bretherton; John Derek é o filho do lendário archeiro em **Rogues of Sherwood Forest (A Vitória de Robin dos Bosques)** de Gordon Douglas, de 1950. Dois anos depois Robert Clarke é o primitivo herói na primeira tentativa de levar o mito ao novo meio, a televisão. O projecto fracassou e os episódios filmados foram remontados e lançados como um filme, uma série Z dirigida por James Tinling, **Tales of Robin Hood**, que por cá se chamou **A Flecha de Robin dos Bosques**. Mais sorte teve a companhia de Walt Disney que no mesmo ano produz, na Inglaterra, uma nova versão, **The Story of Robin Hood and His Merrie Men (Robin**

**Hood, o Justiceiro**) com Ken Annakin dirigindo um par que se saiu bem na compita com o lendário Errol Flynn/Olivia de Havilland: Richard Todd e Joan Rice. Não seria Todd, porém, e sim o popular “swashbuckler” Richard Greene (**Shadow of the Eagle, Lorna Doone**) a quem caberia o papel na longa (165 episódios) série produzida pela televisão inglesa (e que fez as delícias de muitos de nós quando por cá passou), de onde nasceria também um filme de Terence Fisher, **Sword of Sherwood Forest (Robin dos Bosques o Invencível)**. São os estúdios ingleses que nesta década se ocupam quase exclusivamente do mito: em 1956 Val Guest dirige Don Taylor em **Men of Sherwood Forest (O Justiceiro da Floresta)** que vimos entre nós com certo atraso (só se estreou em 1960) e em 1959 George Sherman volta a interessar-se pelo filho do herói depois da sua incursão de 1946 no referido **The Bandit of Sherwood Forest**, mas introduz uma insólita variante no seu **Son of Robin Hood (O Regresso de Robin dos Bosques)** ao mudar o sexo ao herdeiro de Robin de Locksley. June Laverick foi uma encantadora Robinzinha mas o filme não ficou na história. Em 1968 a Hamer produz o “seu” Robin com **A Challenge for Robin Hood (Desafio a Robin dos Bosques)**, de Pennington Richards. Robin volta em 1973 aos EUA mas transformado em... raposa, no filme de animação dos estúdios Disney **Robin Hood (Robin dos Bosques)**, e três anos depois os ingleses pretendem sepultar o mito com todas as honras em **Robin and Marian (A Flecha e a Rosa)**. Há quem goste da cerimónia, como é o meu caso, e menos da grotesca paródia a que Terry Gilliam o submeteu em **Time Bandits (Os Ladrões do Tempo)** e Mel Brooks em **Robin Hood: Men in Tights**. A aparição de uma nova série televisiva em 1984 (**Robin of Sherwood**), aliada ao sucesso dos novos filmes de aventuras, pode estar na origem da “ressurreição” do mito pelos estúdios americanos, com as versões de John Irvin e Kevin Reynolds.

A comparação das várias versões de Robin dos Bosques permite constatar como os mitos se adaptam (e as funções para que são usados) às diferentes épocas. Nas velhas crónicas Robin foi primeiro o símbolo da resistência saxónica ao invasor normando, depois o da revolta dos camponeses contra a opressão da nobreza e do clero, até se confundir com o herói romântico que roubava aos ricos para dar aos pobres, modelo de outros heróis populares como Mandrin, Cartouche, El Tempranillo, o nosso José do Telhado e Jesse James. Se o cinema reproduz as várias versões do mito é também fruto da época em que os filmes foram produzidos. Curiosamente o mito original, a resistência saxónica, é apenas objecto do filme de John Irvin, embora este busque um estilo alegórico: o fim do confronto entre saxões e normandos representa também o fim da Idade das Trevas, a fase da barbárie, como fazia John Boorman na sua incursão na lenda do Rei Artur em **Excalibur**. Como neste a união vem iluminar o futuro, mostrado, de forma simplista na passagem final da fotografia escura e sombria para a forte luminosidade que põe os passarinhos da floresta pipilarem (!). A versão de Reynolds com Costner regressa à “pureza” original da versão de Alan Dwan (que é, no fim de contas, a mais usada nas várias versões atrás referidas) e à luta contra a ambição de um usurpador que procura tomar o lugar do “bom” Rei Ricardo. O que as distingue é a magnificência da versão de Dwan, com os seus fabulosos cenários que durante muito tempo continuariam levantados para outras produções. E, naturalmente, há um fosso entre a esfuziante alegria de Fairbanks e o ar sorumbático de Kevin Costner. Mudança de vulto, também, é a representação feminina. Maid Marian passa da tímida “donzela em perigo” para uma activa participante na luta, mas este processo é consequência da mudança que a figura feminina vai sofrendo ao longo do século. Mas o contributo mais original da última versão é a personagem de Will Scarlet, que perde as características exóticas de que se reveste (como um garrido e crescido Puck) para se transformar no irmão bastardo de Robin.

A versão que vamos ver apresenta os personagens na sua forma mais arquetipa e entra imediatamente na lenda, torneando os escolhos da apresentação das causas que levaram Robin para a floresta. Os “factos” são conhecidos dos espectadores e breves linhas de diálogo substituem a longa apresentação da versão de Dwan com os preparativos da cruzada e a partida para França, sintetizados na versão de Reynolds pela sequência inicial da prisão de Robin em Jerusalém (na versão de Dwan, Robin é preso pelo seu rei em França). Curtiz e Keighley sublinham essencialmente o folclore, nos lendários encontros de Robin com Little John e o frade Tuck, retomadas, com variantes em quase todas as versões, excepto a de Dwan em que o personagem de Little John (já interpretado por Alan Hale) é o seu companheiro de cruzada (papel que na versão de Irvin cabe a Will Scarlet) o que nos retira o prazer de assistirmos ao famoso duelo à vara. Aliás, a versão de Dwan limita-se a apresentar os “merrie men” como numa galeria, um após outro, por economia de acção, pois a história tradicional apenas ocupa a segunda parte do filme.

A versão de Curtiz e Keighley está, mais do que qualquer outra, em consonância com o seu tempo. Menos do que o conflito entre saxões e normandos do que trata **The Adventures of Robin Hood** é da luta contra as

ambições de um ditador como os que nos anos trinta se espalhavam pela Europa, imagem que se reproduz da personagem do príncipe John. Robin organiza a resistência, mais do que uma luta de libertação à escala geral, e aqui aproxima-se da versão de Dwan (o conflito no filme de Reynolds é localizado, acabando por cair numa das muitas incursões na “sword and sorcery” contemporânea). Sherwood é uma “zona libertada” onde têm abrigo os perseguidos pelo regime. Outras características aproximam a versão de Dwan da de Curtiz/Keighley: as figuras estilizadas dos *merrie men*, mais deslumbrantes e garridas agora com o uso da cor, e a sequência dos seus movimentos pela floresta, como pequenos gnomos, é quase decalcada da anterior. Onde a versão de Curtiz/Keighley triunfa sobre a outra é no ritmo e num constante movimento de esfuziante alegria que contamina os espectadores, e se lhe falta a espectacular proeza de Robin/Fairbanks deslizando na gigantesca tapeçaria no interior do castelo, tem, em contrapartida, o fabuloso confronto aquando da “visita” de Robin ao Príncipe John e Guisbourne com o cervo e o combate perfeitamente orquestrado que tem lugar a seguir. Mas o triunfo maior desta versão reside no seu elenco. Robin parecia estar à espera da aparição de Errol Flynn para se manifestar em toda a sua pujança. Este é, sem dúvida, o papel maior desse actor, que a Warner rodeia de outros actores que se tornaram os arquétipos definitivos dos personagens: Claude Rains empresta uma alegre perversidade ao seu Príncipe John, Olivia de Havilland é simultaneamente suave e enérgica na sua Lady Marian (interpretação que só tem rival, na minha opinião, na que dá Audrey Hepburn na versão de Richard Lester, **Robin and Marian**), Basil Rathbone, sinistro e esguio na figura de Sir Guy, arrogante na sua condição de membro da “raça superior”, como outra que assim se afirmava por aquele tempo. Alan Hale e Eugene Pallette dão a imagem definitiva de Little John e o frade Tuck. Ao elenco junta-se um diálogo onde a ironia domina, com réplicas que se tornaram célebres (“*You speak treason*” diz Marian a Robin no castelo, ao que este responde: “*Fluently*”), e um ritmo endiabrado que por vezes se assemelha ao de um musical (o ataque na floresta com as lianas), ideia reforçada pela omnipresença da música de Korngold.

**The Adventures of Robin Hood**, de Michael Curtiz e William Keighley é uma verdadeira festa. Festa que ainda hoje se mostra mais exaltante que todas as versões que antes e depois se fizeram.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico